

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

## Diálogo e práxis

**Reinaldo Matias Fleuri** (nascido em Assis, SP, BR, 1950), professor inquieto, trabalhou em São Paulo, Piracicaba (SP), Uberlândia (MG). Atualmente, é professor Titular no Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, estudando as relações de saber-poder na educação popular. Entre suas publicações se destaca o livro **Educar, para quê?** (São Paulo, Cortez, 1994, 7.ed.).



FOTO: GUTY (PUCSP, 1984)

A leitura da obra de Paulo Freire e a convivência intensa com ele foram decisivas para cultivar algumas opções e dar passos fundamentais em minha prática pessoal, profissional e intelectual.

O primeiro momento importante neste sentido foi durante a elaboração de minha dissertação de mestrado<sup>1</sup>. Tomei como objeto de pesquisa a proposta educacional do Ciclo Básico da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Este setor reunia cerca de quatro mil alunos iniciantes na universidade e pretendia promover a formação da consciência crítica, através do diálogo em sala de aula. Na busca de entender as exigências pedagógicas para a formação da consciência crítica neste contexto escolar, estudei a teoria de Paulo Freire. Identifiquei, assim, duas condições fundamentais para a formação da consciência crítica: o *diálogo* e a *práxis*. Ou melhor, percebi que o debate em sala de aula poderia favorecer a formação da consciência crítica na medida em que explicitasse, de algum modo, sua ligação com a práxis social. E que, para se estabelecer uma prática educativa “transformadora”, era necessário mais do que

---

<sup>1</sup> Defendi em 1978, na PUC de São Paulo, SP, a dissertação de mestrado intitulada **Consciência crítica e universidade**. Na elaboração da versão final, estudei intensamente a obra de Paulo Freire, particularmente no período de 1976-78.

um “procedimento metodológico” para formar a “consciência crítica” dos estudantes: tratava-se de se desenvolver vínculos teórico-práticos com os movimentos sociais.

Neste momento, dois saltos significativos ocorreram em minha busca intelectual.

O primeiro foi na compreensão do *diálogo*. Eu queria entender como se constrói a relação de reciprocidade entre sujeitos e como se superam os mecanismos de dominação. A leitura de Hegel, particularmente sobre a dialética senhor-escravo, me dera elementos para compreender dimensões essenciais na relação humana e social. E a leitura dos filósofos personalistas me havia ajudado a compreender a dimensão pessoal da construção de reciprocidade entre sujeitos. Até aí eu permanecia numa visão mais idealista e individualista das relações sociais.

Foi a leitura de Paulo Freire que me impeliu a entender que o *diálogo* se constrói como relação *entre sujeitos mediatizados pelo mundo*. Ou seja, os sujeitos - capazes de opção autônoma - só interagem criativamente mediante a ação, a *práxis*, quando assumem problemas ou conflitos que se tornam desafios comuns. Nisto consistiria essencialmente a ação educativa: explicitar os conflitos humanos e sociais para desafiar as pessoas e grupos a interagirem na busca de sua superação.

E aqui ocorre o segundo passo fundamental em minha busca intelectual: a compreensão da *práxis social* como princípio educativo. Entendi que é fundamental a articulação dos processos educativos formais com as lutas dos movimentos populares, para se implementar o caráter crítico e transformador destas práticas.

Assim, ao elaborar a tese de doutorado<sup>2</sup>, assumi como tema de pesquisa, *a relação da universidade com os movimentos sociais*. Procurei analisar a relação entre universidade e educação popular, através da prática de extensão

---

<sup>2</sup> FLEURI, R.M. **Educação popular e universidade**. Tese de doutorado. São Paulo, UNICAMP, 1988. 386p.

universitária da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), no período de 1978 a 1987. Entendi que, nesta instituição, a formulação de alguns projetos de extensão universitária foi motivada inicialmente por um ideal de comprometimento com os interesses objetivos das classes populares. Mas a ação desenvolvida é condicionada pela estrutura burocrática e hierárquica, caracterizando-se por certo assistencialismo, academicismo e elitismo. No entanto, ao mesmo tempo, cria um espaço acadêmico - nas atividades de ensino, pesquisa e extensão - em que os próprios movimentos sociais se fazem presentes, trazendo suas preocupações, conflitos e problemas, questionando a política assistencialista e exigindo a superação do caráter elitista e autoritário da universidade.

Tal reflexão fora semeada na convivência intensa com Paulo Freire no Ciclo de Debates sobre Educação Popular, promovido pela UNIMEP durante o segundo semestre de 1983. Paulo Freire se deslocava de São Paulo a Piracicaba um dia por semana, para participar de seminários com representantes de trinta grupos que desenvolviam diferentes atividades de educação popular. Tal debate, ensejando a compreensão teórica dos desafios enfrentados nesta prática, estimulava a interação e a coesão destes grupos.

Para mim, de modo particular, foram marcantes as viagens semanais de volta para São Paulo, em que podia conversar longa e descontraidamente com Paulo Freire. Foram momentos de intenso prazer e companheirismo, em que me convenci de quão importante é, nas relações humanas e na ação política, o cultivo do compromisso social junto com a ternura pessoal.

Sinto, hoje, Paulo Freire como uma presença amiga e solidária em cada momento de minha vida. Não como o mestre que determina e baliza o caminhar do discípulo. Mas como o companheiro que, assumindo radicalmente os desafios emergentes na práxis social, me estimula a assumir com liberdade as próprias opções e com solidariedade as lutas das classes populares. É através destas lutas que nos construímos reciprocamente como educadores-educandos.